



Prot. N. 0106/2008

Roma, 11 de Maio de 2008,
Solenidade do Pentecostes

Eis que venho, ó Deus, para fazer a tua vontade:
Autoridade e obediência ao serviço da comunhão e da missão

Carta à Congregação por ocasião da festa do Coração de Jesus

Caríssimos confrades,

Vivemos, em toda a Congregação, um tempo de especial discernimento com a celebração dos Capítulos Provinciais e a preparação do XXII Capítulo Geral. É essa a razão porque, na continuidade do tema do ano passado sobre a vida comunitária, queremos dedicar a tradicional carta por ocasião da festa do Coração de Jesus a uma reflexão sobre a obediência e a autoridade. Neste tempo de avaliação e programação, somos convidados a despertar, a nível pessoal e das nossas comunidades, a atitude de escuta e de generosa disponibilidade para acolher e realizar a vontade do Pai, expressa no *ecce venio* de Jesus, que, na herança recebida do Padre Dehon, resume a atitude de obediência e toda a nossa vida de consagração.

1. Um projecto de liberdade em Cristo

A *Carta aos Hebreus* apresenta o projecto de vida de Jesus, caracterizado pelo cumprimento da vontade do Pai: *Não Te agradaram holocaustos nem imolações pelo pecado. Então Eu disse: Eis-Me aqui; no livro sagrado está escrito a meu respeito: Eu venho, ó Deus, para fazer a tua vontade* (cf. Sal 39,9; Heb 10,7). A alusão ao livro sugere, antes de mais, um processo de procura da vontade do Pai através da leitura/escuta e da meditação da Palavra, recebida da tradição de Israel. Por outro lado, a declaração pessoal *Eu venho* indica a apropriação dessa palavra da parte de Jesus, que lhe dá um novo significado mediante a sua própria vida.

A mesma Carta permite-nos compreender ulteriormente essa atitude obediente de Jesus, evidenciando pedagogicamente o drama que atravessa a sua existência humana: *Nos dias da sua vida mortal, Ele dirigiu preces e súplicas, com grandes clamores e lágrimas, Àquele que O podia livrar da morte, e foi atendido por causa da sua piedade. Apesar de ser Filho, aprendeu a obediência no sofrimento. E tendo atingido a sua plenitude, tornou-Se, para todos os que Lhe obedecem, causa de salvação eterna* (Heb 5,7-9).

A *oração* e as *súplicas* referem-se à comunhão de Jesus com o Pai, sublinhando a sua condição de *Filho*. Por outro lado, os *dias da sua vida mortal* e os *gritos e lágrimas* aludem à sua natureza humana, onde a obediência filial tem um processo dramático de descoberta, evolução e realização. A humanidade, de que Jesus participa, não é, por sua natureza, conforme o plano de Deus. Embora sendo Filho, teve de abrir uma nova estrada de purificação do seu ser humano. Para se manter fiel ao Pai e

completar a missão que recebera, confrontou-Se com a mentalidade, feita de incompreensão e oposição, da humanidade. Esta conformidade é descrita como *obediência* e como submissão (*eulabeia*, que se pode também entender como *temor reverente* diante de Deus). Assim, Jesus abriu para os homens, seus irmãos, um caminho de salvação, tornando-Se perfeito mediador entre Deus e a humanidade.

Os Evangelhos falam-nos muitas vezes da forma concreta como Jesus experimentou e viveu essa obediência filial. São muito expressivas as narrações das tentações e da oração no Jardim das Oliveiras, que abrem e fecham a sua vida pública, num confronto decisivo com a vontade de Deus. Nas ***narrações das tentações*** (cf. Mt 4,1-11; Lc 4,1-13), Jesus confronta-Se com as sugestões humanas de afirmação, sucesso e prosperidade da própria vida e missão. Fora apresentado, no episódio do Baptismo, como Filho, na plenitude do Espírito que O conduz ao deserto. Na prova, que simboliza toda a sua vida, liberta-Se dos projectos ilusórios de eficiência e de domínio, para ser transparência do modo de agir do Pai, colocando-Se ao serviço dos homens. Todo o Evangelho será, portanto, a manifestação da novidade libertadora do poder e do amor de Deus nesta nova chave do serviço. A comunhão com o Pai, alimentada constantemente na oração filial, é a fonte das escolhas, da força e da novidade criadora do ser e do agir de Jesus. Assim, Ele poderá dizer: *O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que Me enviou a realizar a sua obra* (Jo 4,34).

No ***Jardim das Oliveiras***, ao terminar o seu percurso entre os homens (cf. Mc 14,32-42 e par.), Jesus confronta-Se, de forma ainda mais radical, com o plano do Pai, que parece contradizer as mais elementares expectativas do seu ser humano: salvar a vida, ver o seu sentido e verificar a sua validade. Mesmo no drama da aparente frustração dos próprios projectos (*Se é possível, afasta de Mim este cálice...*), Jesus aceita morrer para tudo isso, entregando nas mãos do Pai a sua vida e o futuro da sua obra (*Não se faça a minha, mas a tua*).

A obediência não leva ao aniquilamento da pessoa; pelo contrário, é a estrada da autêntica realização e da felicidade, apresentada por Jesus nas ***bem-aventuranças*** (cf. Mt 5,3-10). Sobretudo a primeira, a quarta e a sexta bem-aventuranças iluminam a atitude da obediência: *Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos céus... Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra... Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus*. A primeira, que encerra todas as outras, permite-nos descobrir a pequenez do nosso ser, do nosso saber e poder: o nosso ser criaturas. Isso permite-nos aceitar e saborear a providência, a grandeza e a bondade de Deus, Criador e Pai. A segunda faz-nos compreender que o sucesso e a eficiência (possuir a terra) não se encontram nos projectos de poder e de violência, mas na mansidão fraterna, que permite estar alegremente com os outros e propor, sem impor, o projecto do Reino de Deus. Finalmente, a bem-aventurança do coração puro propõe que se limpe o nosso ser de tudo o que o impede de ouvir, ver e seguir a vontade de Deus. É uma estrada que parte do coração, isto é, do íntimo da pessoa, para alcançar a honestidade clara e serena que permite *ver a Deus* e identificar a sua vontade, sem manipulações, interesses mesquinhos ou medo. Essa é a verdadeira meta da obediência: procurar Deus com coração puro. Jesus assegura que quem O procura assim, vê-l'O-á.

Encontramos aqui o ***ponto de partida da nossa vida de obediência***, o modelo e a fonte de contínua inspiração e verificação: a vida segundo o Espírito de Jesus. É Ele que nos torna filhos, capazes de escutar e compreender o desígnio do Pai do Céu, para

realizar, na nossa existência, os seus projectos na comunidade eclesial. Disso depende a nossa plena realização como pessoas e a colaboração para que venha o seu Reino.

Assumir esse projecto de vida comporta, a exemplo de Jesus, uma atitude de escuta e de comunhão com Deus. Com o coração purificado pelo seu Espírito, é possível ver tudo com clareza e liberdade. A obediência, porém, não é apenas uma questão de ver e compreender. Jesus fala sempre em *fazer a vontade do Pai*, ou seja, em configurar a vida com os seus planos. Isso exige um caminho concreto de conversão e de disciplina ascética, para nos libertarmos do egoísmo e dos impulsos da nossa natureza, de modo a fazer viver em nós Cristo e o seu Projecto. Jesus ensinou-nos a pedir constantemente ao Pai: *faça-se a vossa vontade*. Assim, nos apercebemos que é d'Ele donde esperamos luz e força, ao mesmo tempo que, de todo o coração, nos tornamos verdadeiramente disponíveis a aceitar e realizar os seus projectos, todos os dias e por toda a vida.

2. Edificando a comunidade

Estar sob a Senhoria de Deus, atentos e obedientes à sua vontade, constitui **o ponto de união da comunidade de Jesus**. Ele mesmo indica como sua nova família os que O seguem e escutam, em obediência ao Pai: *Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha Mãe* (Mc 3,35). A constituição desta nova família é parte integrante e essencial da vontade de Deus. O anúncio do Evangelho por parte de Jesus leva imediatamente à formação do grupo dos discípulos, núcleo da futura comunidade eclesial. A realização da vontade de Deus exige uma adesão pessoal e individual, mas leva sempre os que a ela aderem a uma comunidade. Não existe uma versão “individual” do cristianismo. A constituição da comunidade, mesmo se sempre imperfeita nesta terra, representa a primeira realização do projecto de salvação, destinado a reunir os filhos de Deus dos quatro ângulos da terra.

Este ***estar juntos para o serviço do Reino*** torna-se uma dimensão fundamental, de modo especial na vida religiosa, como nos foi transmitida pelo Padre Dehon. Como os discípulos de Jesus, como-nos em escuta, somos transformados pela palavra do Mestre, fortalecidos pela sua presença e consolidados na fraternidade, para ser enviados em missão. Organizamo-nos para pôr ao serviço da comunidade e da missão os dons que cada um recebeu de Deus.

É à luz da comunhão fraterna e da missão comum, criadas pelo Espírito de Jesus, que se compreende ***a autoridade e a obediência***. Não se trata de uma necessidade sociológica e organizativa, mas, antes de tudo, de um dom de Deus, tornado possível pela presença do Espírito. Encontramo-nos todos sob a única autoridade e guia de Deus, e cada um tem o direito e o dever primário de procurar a sua vontade para si mesmo e para a comunidade, e de dar o próprio contributo para a sua realização. Ninguém está dispensado, mas cada um fá-lo segundo o próprio papel, na co-responsabilidade e na disponibilidade para se pôr ao serviço da vida e da missão da comunidade. Autoridade e obediência são dois modos complementares de procurar e realizar a vontade de Deus no âmbito da comunidade. Os que estão constituídos em autoridade têm o especial dever de ser obedientes, para tornar possível a obediência dos irmãos.

A pessoa não se anula na comunidade nem se lhe pede uma obediência cega. Isso impediria a cada um de contribuir activa e criativamente para a vida e a missão comum, com os dons que possui. Por isso, é importante que cada um ponha ao serviço dos outros esses dons, inserindo-se num projecto comum, colaborando activamente e de

modo solidário na sua realização. A complementaridade entre projecto pessoal e comum pode ser explicada com uma parábola:

Aquele que se fecha sozinho nos seus projectos é semelhante a um homem que escavou um poço para tirar água sem depender de ninguém. Temia que outros pudessem ter acesso à sua água ou, pior ainda, interferissem de alguma maneira no seu uso. Por isso, defendia rigidamente o seu poço de todos, satisfeito da própria obra e autonomia. Um dia, enquanto contemplava orgulhoso a própria imagem no espelho do fundo do poço, caiu dentro dele e, não estando ninguém perto, afogou-se em si mesmo, acabando o seu cadáver por tornar fétida e inutilizável a sua água.

Aquele, ao contrário, que é capaz de integrar o próprio projecto no da comunidade é semelhante a um homem que teve a ideia de escavar um poço. Estudou os poços da região; falou com os seus proprietários, e estes deram-lhe uma ajuda preciosa na escolha do lugar e dos materiais mais apropriados, e mesmo da técnica de escavação. Uma vez pronto, ligou o seu poço à rede formada pelos poços dos vizinhos. Esta permitia recolher em conjunto, além da água dos poços de todos, também a que caía do céu e a que brotava das profundezas da terra. Assim, nunca faltava água na cidade; até sobrava para um canal, algumas vezes mais e outras vezes menos, que ia engrossar o rio da planície que banhava tantas outras cidades, antes de desaguar no grande oceano que liga todos os continentes e povos da terra.

Infelizmente, há confrades que vivem só da água do próprio poço. Podem ser capazes de oferecê-la, mas nunca de partilhá-la verdadeiramente, juntando-a à água dos outros, ou de apreciar as outras águas. São excelentes no cantar sozinhos, mas recusam-se fazer parte do coro, para compor a harmonia e a polifonia. É muito difícil para eles admitir que outro possa dirigir a orquestra. Afogam-se lentamente na própria presunção. Insatisfeitos e frustrados, acusam a todos de não lhes darem suficiente importância ou de quererem controlar a sua individualidade... É uma pseudo-liberdade que leva inevitavelmente à frustração da existência e torna amarga a própria água. Mas também há muitos outros, que fazem da vida um dom e são gratos e felizes com o muito que recebem de Deus e dos outros. Não só pelo que oferecem, mas sobretudo pelo que vivem, continuam a ser fonte de vida, fraternidade e inspiração.

Para aplicá-la mais especificamente ao nosso tema, a parábola poderia sugerir um outro pequeno pormenor. A rede formada pelos poços exigia coordenação, manutenção de estruturas e regras para a utilização. Disso encarregar-se-iam algumas pessoas escolhidas por aqueles que usufruíam o sistema. A sua gestão concreta nem sempre era consensual, mas os que compreendiam o verdadeiro segredo dos poços, atribuíam-lhe um papel determinante, além da própria administração. A sua função mostrava, em primeiro lugar, que, antes de ser de alguém, a água é um dom livre de Deus; enriquece os poços individuais e deve continuar a circular livremente noutros poços e rios, para realizar a sua razão de ser, sob pena de se tornar estagnada e imprópria para o uso.

3. Ao serviço dos irmãos e da missão

A nossa experiência faz-nos compreender a relevância da função do serviço da autoridade na vida de qualquer comunidade e da Igreja e a importância da sua correcta compreensão e actuação. Exige uma grande maturidade, a nível humano, psicológico e espiritual, quer nos que exercem esse serviço, quer nos que dele beneficiam.

A purificação e a ascese do coração têm, neste campo, um valor muito importante, antes de mais, para não se cair nos vícios em que costuma cair o exercício

da autoridade nas nossas sociedades. Sabemos como, muitas vezes, o que conta é a conquista do poder, o favorecer grupos específicos de carácter étnico ou de interesses particulares, o domínio sobre os outros ou o simples espectáculo da vaidade pessoal. Não é raro que esses desvios se encontrem também entre nós, não só nos que estão constituídos em autoridade, mas também em quantos actuam individualmente ou se constituem em grupos de oposição ou em lobbies de pressão e de chantagem. Quando esse espírito domina entre os discípulos, provocando acesas rixas e divisões, Jesus corta pela raiz a discussão: *Não pode ser assim entre vós*. A autoridade não é um ser servido, mas um servir e dar a própria vida a exemplo do Mestre (cf. Mc 10,32-45). Quando a autoridade se mistura com jogos de poder e interesses humanos, contradiz o projecto de Deus, nega a cruz de Jesus e perde a própria legitimidade.

É também contrária ao projecto de Jesus a demagogia de uma co-responsabilidade irresponsável, de um princípio de coordenação desordenada ou de um corpo acéfalo, onde cada um faz o que lhe apetece ou segundo o que julga ser bem, pensando que a autoridade tem origem no querer do povo. Tudo isso leva a um nivelamento de mediocridade e de interesses humanos, que fazem perder a referência ao absoluto e transcendente de Deus.

A nossa comunidade tem um Senhor e tem princípios, processos e mediações que a unem e configuram. Isso não significa uma limitação da liberdade ou a anulação do princípio da democracia. Pelo contrário, em analogia com a carta constitucional de cada país, que fixa os princípios gerais que devem regular qualquer outra autoridade, a aceitação madura e crente da Senhoria de Deus e das mediações da autoridade é uma defesa contra o despotismo dos tiranos ou das maiorias. É uma prevenção contra as demagogias manipuladoras e uma garantia que tutela a real liberdade e o desenvolvimento das capacidades de todos.

O próprio Jesus oferece-nos um modelo de Mestre, Guia e Senhor, que é o centro de inspiração de toda a autoridade. A imagem do Bom Pastor (cf. Jo 10) apresenta-O como Aquele que *conhece* as suas ovelhas. Na linguagem bíblica, não se trata apenas de uma atitude de conhecimento, mas de uma relação de cordialidade e afecto. Uma segunda caracterização da relação do Bom Pastor com os seus é *dar a vida livre e conscientemente* por eles. Essa é a primeira atitude de quem está investido na função de autoridade: o cuidado dos que lhe estão confiados, a ponto de dar por eles as próprias energias e a própria vida. Tudo isto fê-lo Jesus Cristo, não na atitude de superioridade dos grandes senhores, mas na forma do serviço humilde, prefigurado no lavar os pés (cf. Jo 13).

Os Evangelhos mostram-nos que as figuras do pastor e do servo não foram para Jesus simples imagens poéticas. Ele mostrou uma dedicação e um amor capazes de fazer frente à fraqueza e teimosia da incompreensão dos discípulos. Ofereceu por eles a vida, não só sobre a cruz, mas no tempo que partilhou com eles, na escuta, nas explicações, na paciência, no perdão, no encorajamento, na alegria pelos seus sucessos no ministério e também no respeito pelas suas quedas, incompreensões e traições. Não foram fiéis à amizade do Mestre, mas a fidelidade d'Ele redimiou-os.

Há uma coisa que Jesus não faz: fazer descontos para ser simpático, condescendente com a incompreensão, a fraqueza ou a mediocridade dos discípulos. A exigência para os que querem segui-l'O não será diminuída, as bem-aventuranças, embora apareçam inatingíveis, não serão abaixadas, nem a porta estreita será alargada.

Jesus é um pastor bom e humilde, mas decidido e exigente, quando se trata do projecto do Pai.

Nesta fidelidade coerente, Jesus, porém, não pede uma obediência cega. Antes, mostra as razões do Pai, explica repetidamente a sua posição e tem a sábia sabedoria de saber esperar pelo ritmo de cada um dos seus discípulos: *Ainda não compreendeis, mas compreendereis depois... Não podeis seguir-Me agora... mas seguir-Me-eis depois...* Mesmo se este “depois” será... depois da sua morte. Não se resigna a perder nem sequer um dos que o Pai Lhe deu: conforta Pedro e dá-lhe sempre novas oportunidades, aumenta as atenções com Judas, que está em perigo de traição, e a todos dá a possibilidade de se reabilitarem depois da queda.

E finalmente, uma nota muito especial do Evangelho de João: o último discurso de Jesus com os discípulos é uma oração ao Pai, diante deles e por eles. Não têm ainda a liberdade e capacidade de se oferecerem ao Pai, mas Ele, o Mestre, consagra-Se por eles (em seu favor, mas também no seu lugar), para que também eles possam ser consagrados na verdade (cf. Jo 17,15-17). O resto, entrega-o nas mãos do Pai.

A exemplo de Jesus, os que receberam o serviço da autoridade têm de ser os primeiros a colocar-se à escuta de Deus e da sua vontade. Nessa relação com o Senhor e Mestre de todos, não se aprende só o que Deus quer, mas como quer; ou seja, aprende-se a cumprir o desígnio de Deus no estilo de Jesus. Por isso, parece estranho que alguém diga, por exemplo, que reza muito, que recebe muitas inspirações do Espírito Santo, mas depois não escute os irmãos, antes de tomar decisões, ou os trate sem respeito e sem misericórdia. Ouvir Deus não é consultar uma agência de informações, mas deixar que o próprio coração seja plasmado pelo seu Espírito, que nos torna fraternos, à imagem de Cristo.

O segundo grande ponto de atenção são, portanto, os confrades. Estes não são nem servos nem simples “colaboradores”, mas irmãos e amigos. A amizade é o termo de que Jesus se serve para descrever a sua relação com os discípulos: *Já não vos chamo servos, mas amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi a meu Pai* (Jo 15,15). É um lindo e grande desafio para cada uma das nossas comunidades: a amizade, na partilha do que ouvimos de Deus. É um desafio para os que estão constituídos em autoridade e para todos os demais.

Tomar decisões e assumir o próprio papel de direcção não contradiz esta relação de comunhão e amizade, que deve caracterizar-nos. Pelo contrário, não fazê-lo, mesmo quando isso comporta dificuldade e sofrimento, provoca um grande dano a todos. Honestidade e humildade no serviço da autoridade significa ser capazes de rezar, escutar a todos e tomar decisões, o mais possível em comum, com consciência fiel e livre, admitindo também a possibilidade de se enganar. Aceitar tais limites e saber reconhecer os próprios erros não enfraquece, mas confirma o verdadeiro sentido da autoridade. Isso significa assumir o próprio papel de serviço de autoridade, sem deixar de ser irmão, porque um só é o Mestre e Senhor.

A esta relação do serviço da autoridade deve corresponder também uma **atitude fraterna da comunidade para com quem a serve**. Infelizmente, para alguns confrades, muitas vezes vítimas de feridas ou imaturidades não curadas, quem está investido de autoridade torna-se, ipso facto, um inimigo. Há que ter presente que um confrade que assume esse serviço, não perde a própria condição humana, a própria sensibilidade e o direito ao próprio bom nome e à estima dos outros.

A autoridade não deve ser idolatrada, colocada sobre um altar hierático ou, pior ainda, incensada para se obterem os favores de um “padrinho” condescendente. Mas, para desempenhar bem a própria função, o confrade em serviço de autoridade tem de contar com a atitude madura, leal e fraterna dos outros membros da comunidade. Esse irmão maior, que toma a seu cuidado a família, será extremamente ajudado na sua missão, se tiver o apoio, a colaboração e o perdão dos outros irmãos.

Esta lealdade fraterna exclui a atitude de submissão ou de acomodação silenciosa para evitar problemas. ***Sem verdade, não há comunhão nem paz duradoura.*** Se procuramos honestamente e de coração puro os caminhos de Deus e o fazemos fraternamente, encontraremos a maneira de encontrar soluções, mesmo não unânimes. A unanimidade não é sempre um sinal da presença do Espírito. Pode ser fruto da manipulação de alguém, da preguiça ou medo de discordar e de procurar novas soluções. Por isso, no processo de discernimento da vontade de Deus, há tempo para a intervenção de todos e tempo também para que todos aceitem solidariamente as decisões tomadas. Quando se procura e se debate, há que criar condições para que todos exerçam o direito e o dever de falar, discordar e propor. Quando se tomam decisões, estas não valem só para os que estão de acordo, mas para todos.

Ser chamados a obedecer, mesmo discordando ou com muito sacrifício (se não se trata de algo que vá contra o que honestamente se considera ser a vontade de Deus) não é uma situação rara na nossa vida de consagração. Sem tal premissa, porém, não seria possível um projecto comum, e até a própria noção de obediência perderia muito do seu sentido. Tudo isto é sobremaneira delicado, quando se trata de projectos pessoais, confiar encargos ou mudar actividade... É evidente que tais situações requerem um discernimento feito de oração e de diálogo, que, muitas vezes, devem envolver também outras pessoas implicadas nas decisões. Mas pedem também disponibilidade, liberdade e dom de si mesmos.

Aceitar partilhar as águas do próprio poço, sob a orientação de outros, não é apenas uma linda imagem poética. Muitas vezes, significa um realismo, que pode ser provocatório e doloroso, tanto para quem deve orientar, como para quem deve obedecer. Tais situações, todavia, podem converter-se em momentos de grande libertação e comunhão. No Jardim das Oliveiras, nem o Pai é cruel, ao pedir a Jesus que beba o cálice do próprio dom até à morte, nem Jesus é cego ou masoquista, ao aceitar a sua vontade. Ambos, de maneiras diferentes, comungam o projecto de oferecer a vida ao mundo. O desígnio do Pai dá significado ao sacrifício de Jesus e transforma a sua obediência e a sua morte em acontecimento de suprema liberdade e vida, para Ele e para a humanidade.

*** ** ***

Na escola do Padre Dehon, aprendemos a modelar a nossa vida e os nossos projectos segundo o Coração filial de Cristo, obediente ao Pai e fraternamente solidário com os homens, até dar a própria vida por eles. Este é o estilo da nossa obediência e de toda a nossa vida de Dehonianos, nas funções de responsabilidade e de serviço, que somos chamados a desempenhar na Congregação e na Igreja.

Neste tempo de preparação para o Capítulo Geral, a festa do Coração de Jesus convida-nos, de modo especial, a escutar o Espírito, a nível pessoal e das nossas comunidades. Deixemos que Ele purifique e transforme os nossos corações, para

compreender os caminhos do Pai, encontrar fraternamente as decisões justas e pormo-
nos, juntos e com disponibilidade, ao serviço do seu Reino, em todo o mundo.

Fraternamente, no Coração do Senhor,

P. José Ornelas Carvalho
Superior Geral scj e seu Conselho